

IAOD do Deputado Wong Ka Lon em 21.07.2026

Do “capital paciente” à “máquina de semear cultura e criatividade”, romper o impasse no desenvolvimento da propriedade intelectual cultural de Macau

Macau possui uma herança histórica e cultural luso-chinesa absolutamente única, estrategicamente integrada na Grande Baía e adjacente à Zona de Cooperação de Hengqin. Todos os anos recebe dezenas de milhões de turistas, tendo claramente as condições necessárias para expandir, fortalecer e destacar as suas indústrias culturais e criativas. Mas, a realidade é evidente: Macau sempre foi “um planalto, mas sem nenhum pico; tem muitos elementos, mas nenhum grande sucesso”.

Temos as Ruínas de São Paulo, o Templo de A-Má, a cultura macaense e a gastronomia típica, uma vasta gama de recursos culturais. Infelizmente, a maioria destes elementos permanece confinada a meras exposições nos pontos turísticos e divulgações simples, sem evoluir para uma super propriedade intelectual sistematizada, orientada para os jovens e industrializada. O valor cultural tem estado ali, parado, sem se transformar verdadeiramente em marca, benefício económico ou crescimento industrial da cidade.

Gostaria de afirmar que Macau não carece de recursos, nem de fluxo de pessoas, nem de histórias. O que mais falta é paciência para o desenvolvimento a longo prazo, uma mentalidade operacional orientada para o mercado, e um conjunto de mecanismos institucionais capazes de permitir a implementação, o crescimento e a afirmação no mercado das indústrias culturais e criativas. Apresento então as três sugestões:

Primeiro, é necessário adoptar uma mentalidade de “capital paciente” no desenvolvimento das indústrias culturais e criativas, rejeitando a visão de curto prazo e a mentalidade de sucesso imediato.

As indústrias culturais e criativas nunca poderão ser uma indústria do *fast-food*. Qualquer propriedade intelectual urbana com afirmação no mercado, cultura popular ou marca cultural e criativa é o resultado de uma longa sedimentação e refinamento gradual. A inovação científica e tecnológica exige um prazo longo e as indústrias culturais e criativas exigem ainda mais.

Actualmente, muitos projectos culturais e criativos focam-se excessivamente em resultados imediatos, exposição a curto prazo e ganhos rápidos, o que leva os criadores a não se atreverem a aprofundar, a sedimentar ou a desenvolver produtos de excelência a longo prazo. Sugiro ao Governo que reveja a sua abordagem de financiamento, flexibilize as avaliações de curto prazo, alargue os períodos de incubação e crie margem de tolerância ao erro, permitindo que as equipas se dediquem verdadeiramente a desenvolver conteúdos, produtos e marcas, incubando efectivamente as marcas locais que possam representar Macau e alcançar projecção sustentável a longo prazo.

Segundo, os procedimentos administrativos devem ser desburocratizados e simplificados, evitando a situação em que “quem escreve relatórios não tem tempo para criar, e quem analisa relatórios não tem tempo para inovar”.

Actualmente, os procedimentos de apoio financeiro às indústrias culturais e criativas são complexos, com muitos formulários, auditorias rigorosas e procedimentos burocráticos. Muitos profissionais desta área gastam a maior parte do seu tempo não na criação, mas sim a preencher formulários, apresentar relatórios, entregar documentação e cumprir trâmites.

Este excesso de burocracia interna reprime directamente a criatividade, atrasa os projectos e desencoraja novos talentos. Sugiro que o Governo simplifique de forma abrangente os processos de candidatura, acompanhamento, avaliação e conclusão dos projectos criativos, eliminando documentação desnecessária, optimizando os métodos de supervisão e libertando os criadores da carga administrativa, para dar primazia à criação e à energia dos produtos, e para que as políticas sirvam verdadeiramente as indústrias.

Terceiro, Macau precisa de mais “intérpretes das áreas culturais e criativas” e “máquinas de semear” para estas indústrias.

A cultura de Macau é rica, mas a sua forma de expressão é demasiado tradicional, o que afasta os jovens, não deixa impressões nos turistas e não consegue alcançar o exterior. Precisamos de traduzir centenas de anos de profundidade histórica em conteúdos modernos, produtos digitais e formas de expressão que os jovens compreendam, partilhem e queiram consumir.

Ao mesmo tempo, devemos aproveitar as cadeias industriais de Hengqin, o vasto mercado da Grande Baía e o enorme fluxo de visitantes de Macau, transformando as marcas culturais locais em produtos físicos, conteúdos digitais e experiências, concretizando a sua implementação, produção em larga escala e projecção para lá dos limites locais.

Em síntese, as indústrias culturais e criativas de Macau devem evoluir de uma “promoção dispersa nos pontos de interesse” para uma “indústria de propriedade intelectual sistematizada”, adoptando um compromisso com o longo prazo, simplificando as barreiras administrativas, modernizando a forma de expressão e operando com orientação de mercado. Só assim será possível enraizá-las verdadeiramente em Macau, em articulação com a Grande Baía e com projecção para o mundo, contribuindo para o desenvolvimento contínuo da diversificação adequada da nossa economia.

Muito obrigado.